

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i24.46078>

Ensaio recebido em: 09/12/2022

Ensaio aprovado em: 02/03/2023

Ensaio publicado em: 26/06/2023

POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE HEIDEGGER E O DE GADAMER

da hermenêutica da facticidade à hermenêutica filosófica

POSSIBLE RELATIONS BETWEEN HEIDEGGER'S AND GADAMER'S THOUGHT from the hermeneutics of facticity to philosophical hermeneutics

Jungley de Oliveira Torres Neto¹

(jungleyjf@hotmail.com)

312

Resumo: O presente trabalho pretende, a partir da influência de Martin Heidegger, lançar luz às questões da hermenêutica filosófica, o que consiste em abordar uma das possíveis relações entre o pensamento de Martin Heidegger e o de Hans-Georg Gadamer, sem a pretensão de esgotar o tema. Pretende-se, a partir da influência de Heidegger e do conceito de *hermenêutica da facticidade*, abordar a virada hermenêutica: a passagem do âmbito epistemológico para o ontológico, isto é, da epistemologia da interpretação à ontologia da compreensão, onde toda problemática surge e se percute. Neste labor, objetiva-se justificar de modo fundamentado que a hermenêutica não se resume apenas no resultado de um procedimento técnico, mas se desvincula do método científico enquanto caminho único para se chegar à verdade, a qual se abre para o fenômeno da compreensão (*Verstehen*) através da experiência humana do mundo.

Palavras-chave: Gadamer. Heidegger. Hermenêutica. Ontologia.

Abstract: This work, based on the influence of Martin Heidegger, intends to clarify the questions of philosophical hermeneutics, a task that consists of approaching one of the possible relations between the thought of Martin Heidegger and Hans-Georg Gadamer, without intending to exhaust the theme. It is intended, from the influence of Heidegger and the concept of hermeneutics of facticity, to discuss the hermeneutic turn: the passage from the epistemological to the ontological domain, that is, from the epistemology of interpretation to the ontology of understanding, where all problems arise and are reverberates. In this work, the objective is to justify in a reasoned way that hermeneutics is not just the result of a technical procedure, but is detached from the scientific method as the only way to reach the truth, which opens up to the phenomenon of understanding (*Verstehen*) through the human experience of the world.

Keywords: Gadamer. Heidegger. Hermeneutics. Ontology.

¹ Doutorando em Ciência da Religião na área de Filosofia da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre e Graduado em Filosofia pela mesma instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8295843821356831>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6710-2533>.



INTRODUÇÃO

À guisa de introdução, é válido ressaltar que o presente trabalho pretende abordar uma das possíveis influências do pensamento de Heidegger em Gadamer, a partir da hermenêutica da facticidade, sem a pretensão de esgotar o tema, mas, sim, de abrir possibilidades de intermediação e de possíveis pontos de contato entre os autores supracitados. É válido contextualizar a retomada na obra *Ser e tempo* de Martin Heidegger, do sentido do ser, o que o faz desenvolver uma analítica existencial do ser-aí (*Dasein*) visionando alcançar uma ontologia fundamental que, enquanto tal, distingue-se fundamentalmente de toda e qualquer ciência positiva e, também, da antropologia filosófica. É importante dizer que Husserl desempenha um papel importante no contexto antecedente às investigações de *Ser e tempo*, nesse sentido Heidegger diz: “As investigações que se seguem são apenas possíveis nas bases estabelecidas por E. Husserl, cujas investigações lógicas fizeram nascer a fenomenologia” (HEIDEGGER, 2012, p. 69).

313

No entanto, o caminho percorrido por Heidegger entre 1915 e 1927 desponta, afastando-se gradativamente, das investigações fenomenológicas de Husserl. De modo a exemplificar: as interpretações fenomenológicas da “vida humana” (*menschliche Leben*); enquanto outros fenomenólogos continuavam a empregar conceitos como “vivência” (*Erlebnis*) ou “mundo da vida” (*Lebenswelt*), para situar a experiência originária da “vida humana”, Heidegger passa a empregar o conceito de *hermenêutica da facticidade* e, de modo decisivo, acaba abrindo horizontes no campo da fenomenologia. A perspectiva do sentido que assume a fenomenologia enquanto ontologia da compreensão, cujo instrumento é a hermenêutica da existência fáctica do homem, exige previamente o delineamento do projeto filosófico fundamental heideggeriano. Heidegger diz:

Em seu conteúdo, a fenomenologia é a ciência do ser dos entes- é ontologia. Ao se esclarecer as tarefas de uma ontologia, surgiu a necessidade de uma ontologia fundamental, que possui como tema a pre-sença, isto é, o ente dotado de um privilégio ôntico-ontológico. Pois somente a ontologia fundamental pode se colocar diante do problema cardinal, a saber, da questão sobre o sentido do ser em geral. (HEIDEGGER, 2012, p. 68).

A partir do questionamento pelo sentido e pelo modo de ser do homem Heidegger é levado a realizar uma hermenêutica da facticidade do ser-aí. O ser-aí em sua existência é um ente privilegiado. Neste pretexto, Heidegger faz questão de afirmar



de modo contínuo a compreensão de que: “O homem é o *único ente* que se mantém numa determinada compreensão de ser”, destarte, ele sempre se descobre sendo a partir de um determinado modo de ser (o ser se dá de maneira dinâmica/ sendo). Mediante a abordagem faz-se necessário investigar e compreender melhor o conceito heideggeriano de existência. Em *Ser e tempo*, ele a descreve nestes termos:

Chamamos existência ao próprio ser com o qual o ser-aí pode se comportar dessa ou daquela maneira e com o qual ela sempre se comporta de alguma maneira. Como determinação essencial desse ente não pode ser efetuada mediante a indicação de um conteúdo quiditativo, já que sua essência reside, ao contrário, no fato de dever sempre possuir o próprio ser como seu, escolheu-se o termo ser-aí para designá-lo enquanto pura expressão de ser. (HEIDEGGER, 2012, p. 48).

Martin Heidegger, com o objetivo de buscar o sentido do ser dá à fenomenologia caráter de método, tendo como ponto de partida a interpretação da facticidade do ser-aí. De modo decisivo, ele dá efetivamente sua contribuição para se pensar numa “virada hermenêutica” a partir do *Dasein*, o Ser-aí, que aponta para a “*hermenêutica da facticidade*”.

314

1 A HERANÇA HEIDEGGERIANA: DA FACTICIDADE À HERMENÊUTICA

A relação que Heidegger faz da fenomenologia com a hermenêutica fica evidenciada no sétimo parágrafo de *Ser e Tempo*, intitulado “*O método fenomenológico da investigação*”, onde Heidegger perscruta e aponta a definição do termo fenomenologia como hermenêutica. Ele busca a raiz do termo na gramática grega, conforme a qual, *Phainomenon* ou *phainesthai* traduz-se como “o que se mostra; o que se revela” (HEIDEGGER, 2012, p. 67). *Pha* tem etimologia próxima a *phos* que significa brilho ou luz (deixar-se luzir, deixar-se mostrar), por conseguinte representa a condição para que algo se mostre, isto é, “o elemento, o meio, em que alguma coisa pode vir a se desvelar e a se tornar visível em si mesma” (HEIDEGGER, 2012, p. 68). Não se pode dizer o que é o ser, embora se possa indicá-lo como uma clareira no sentido do termo grego *alétheia/ ἀλήθεια*, algo que se mostra e mantém-se velado (a verdade vem à tona quanto se desvela), é o som que diz e permanece indizível – dinamicidade de movimento².

² Não se pode dizer o que o ser é, no sentido de que o ser se manifesta no ente quando transcende aquilo que simplesmente é. O ente se caracteriza enquanto aquilo que é; o ser se caracteriza enquanto possibilidade (torna possível aquilo que é). O ser é a condição de possibilidade da compreensão. O



Através dessa dinamicidade Heidegger resgata a dimensão de mistério do Ser. Na concepção heideggeriana mistério diz respeito à compreensão de que o Ser não se reduz ao ente, e por isso não é objetificado nem reduzido àquilo que simplesmente é, mas antes, Ser é plenitude, e plenitude de possibilidades. O Ser se dá nos entes desvelados e simultaneamente se oculta como possibilidade não desvelada. O Ser se manifesta no ente quando transcende aquilo que simplesmente é (o Ser possibilita aquilo que é).

Situada a abordagem de Heidegger à fenomenologia, pergunta-se: o que Heidegger propõe com o que denomina de método fenomenológico? Ele pretende fazer uma análise do *Dasein*, enquanto estrutura encontrável em todos os homens e mulheres, não apenas em um ente, como: João, Marcos, Ana, etc. mas de forma geral e fundamental ao “homem-no-mundo” e sua abertura enquanto ente privilegiado que somos privilegiados por possuir em seu ser a possibilidade de questionar sobre o sentido do ser. Ente esse que nós mesmos somos no sentido espacial e temporal, o que aponta para um processo dinâmico entre ser, mundo e tempo. O que também aponta para o fato de que, o inacabamento do homem o livra de qualquer determinismo, seja ele de caráter: mitológico, religioso ou metafísico. Em síntese, a tratativa do *Dasein* se dá pelo viés da fenomenologia. Heidegger diz:

315

O sentido metodológico da descrição fenomenológica é interpretação. O λογος da fenomenologia da presença possui o caráter de ερμηνευειν. Por meio deste ερμηνευειν anunciam-se o sentido próprio de ser e as estruturas fundamentais de ser que pertencem à presença como compreensão de ser. Fenomenologia da presença é hermenêutica no sentido originário da palavra em que se designa o ofício de interpretar (HEIDEGGER, 2012, p. 68).

Com Heidegger, a hermenêutica não é apenas teoria da interpretação, mas diz respeito ao próprio modo existencial humano de apreender as coisas e de ser diante do mundo e, por isso, para ele, a ontologia só é possível enquanto fenomenologia interpretativa (HEIDEGGER, 2012, p. 66). Isso é decisivo, pois, nessa perspectiva heideggeriana, a fenomenologia é vista como hermenêutica. Logo, trata-se de uma fenomenologia hermenêutica que começa por um questionamento sobre o sentido do ser, que se encontra aberto, isto é, não definido e acabado,

ser não é algo fixo, determinável ou definido estaticamente, mas se configura em movimento, projeto, possibilidade, abertura e dinamicidade. Heidegger encontra esta dinamicidade de ser, por exemplo, na obra de arte, não como objeto da ciência, a estética, mas numa perspectiva hermenêutica. Podemos citar, por exemplo, a obra de arte de Van Gogh, mais precisamente, “*O par de sapatos*” (1886). A questão não é a bota ou o par de sapatos do camponês, não é o útil do utensílio, mas o mundo que abre em sua possibilidade e que se desvela. E por isso, o ser se manifesta no ente quando transcende aquilo que simplesmente é.



mas sim em movimento, não de forma estática, mas sim de maneira dinâmica, de modo projetivo. Gadamer diz:

Quando se parte da hermenêutica da facticidade, isto é, da auto-explicação do Dasein, fica evidente que o Dasein sempre se projeta rumo ao seu futuro e com isto, ao mesmo tempo, é consciente de sua finitude. Isto Heidegger mostrou na conhecida expressão 'correr para a morte' (*Vorlaufen zum Tode*) como a propriedade do Dasein (GADAMER *apud* ROHDEN, 2003, p. 71).

Essa concepção é a marca da finitude do *Dasein* que se compreende e compreende o mundo que o circunda. A hermenêutica neste caso não pode ficar sob a designação de método, mas relaciona-se fundamentalmente ao modo de ser finito que se projeta no tempo. O autor e comentador Emerich Coreth nos auxilia sobre o conceito de interpretação em Heidegger, ele diz:

A hermenêutica em *Ser e Tempo* não quer dizer a arte da interpretação, nem a própria interpretação, mas antes a tentativa de determinar a essência da interpretação antes de tudo pela hermenêutica como tal, isto é, pela essência hermenêutica da existência, a qual, compreendendo-se originalmente, interpreta a si mesma no mundo e na história. Hermenêutica torna-se assim interpretação da primitiva compreensão do homem em si e do ser (CORETH, 1973, p. 23).

316

Por conseguinte, fundamentalmente em Heidegger, a hermenêutica se desvincula de uma concepção instrumentalista e caminha em direção a uma dimensão ontológica da compreensão, eis o ponto da "virada". Com ele, a hermenêutica deixa de ser uma fundamentação apenas metodológica das ciências do espírito, para ocupar gradativamente um lugar no centro da filosofia pelo fenômeno da compreensão como um conceito filosófico universal. Gadamer reconhece:

Heidegger oferece uma descrição fenomenológica completamente correta, quando descobre no suposto "ler" o que "lá está" a pré-estrutura da compreensão. Oferece também um exemplo para o fato de que disso se segue uma tarefa. Em *Ser e tempo* concretiza a proposição universal, que ele converte em problema hermenêutico, na questão do ser. Com o fim de explicitar a situação hermenêutica da questão do ser, segundo posição prévia, visão prévia e concepção prévia, examina criticamente a questão que ele coloca à metafísica, em momentos essenciais, onde a história da metafísica sofreu uma guinada (GADAMER, 1999, p. 405).



2 O PROJETO HERMENÊUTICO LEVADO ADIANTE: RUMO À HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Eis o ponto a seguir que será explorado e relacionado: a hermenêutica desenvolvida por Gadamer³. Paul Natorp, professor de Gadamer em Marburgo, apresentou a Gadamer o manuscrito de Heidegger: *Interpretações de Aristóteles*, marcando com isso o início da presença acentuada em sua vida (Gadamer, 1996, pp. 248-249). Em 1923, Gadamer “assistiu todos os cursos de Heidegger”, totalizando cinco (Grondin, 2001, p. 141). É perceptível a vigência de muitos temas e proposições filosóficas desenvolvidas por Heidegger na hermenêutica desenvolvida por Gadamer. Percebe-se também a admiração de Gadamer para com Heidegger como revelado em entrevista:

Heidegger não pode ser deixado de lado em minha trajetória [...] Fui admirador de Heidegger [...] O que eu mais agradeço a Heidegger, foi ele me ter forçado a estudar filologia clássica; pois, através disso, aprendi a acompanhar mais disciplinadamente a tendência a ele peculiar, a saber, aquela de mostrar, a partir da língua, o que é propriamente a gênese de conceitos [...] Eu admirava a imaginação e a força do seu pensar. (Gadamer *apud* Almeida, Flickinger, & Rohden, 2000, p. 220).

317

Na obra *Ser e Tempo*, Heidegger arraigou sobre a temática, aprofundando-se sobre a noção de *hermenêutica da facticidade*, isto é, “da existência humana fáctica, constatável”, o que contribuiu enormemente para que a hermenêutica se tornasse, gradativamente, em uma “verdadeira *koiné* da filosofia” (Gadamer *apud* Grondin, 2001, p. 26). Essa apropriação da noção de facticidade assinalou, decisivamente, o percurso da hermenêutica desenvolvida por Gadamer. Gadamer leva adiante de forma original o projeto hermenêutico iniciado por Heidegger, ele mostra sua influência ao apontar Heidegger como o primeiro a lhe abrir os olhos na abordagem sobre o conceito de Ser. Ele tece o seguinte comentário:

Heidegger foi o primeiro a abrir-nos os olhos para o fato de que neste assunto nós temos que o abordar relativamente ao conceito de Ser. Sem dúvida Dilthey, Bergson e Aristóteles contribuíram para que Heidegger pudesse pensar o ser no horizonte do tempo e a partir da mobilidade da existência humana, que se desenvolve em direção ao seu futuro e provém de sua origem. Desse modo fez do compreender um existencial, isto é, uma determinação

³ Hans-Georg Gadamer procura estabelecer a diferença entre o modo de investigar de Wilhelm Dilthey e Edmund Husserl em relação às investigações fenomenológicas realizadas por Martin Heidegger (GADAMER, 1998, pp. 353-399). Tal abordagem significa o próprio reconhecimento da inflexão no âmbito da hermenêutica e sua viragem em direção à ontologia.



categórica básica de nosso ser-no-mundo. (GADAMER *apud* DUTT, 1998, pp. 26-27).

Na noção de facticidade encontra-se explicitado e justificado o tema do tempo, isto é, da historicidade (ser e tempo, ser no tempo, ser é tempo). Ora, esse entrelaçamento ou traço pertence à espinha dorsal da hermenêutica gadameriana [*história efetual*]. Esse aspecto do “horizonte temporal”, do conceito de facticidade, certamente tem seus reflexos na hermenêutica gadameriana. Não por acaso evidencia-se o grande interesse de Gadamer pelo tema. Gadamer analisa a chamada “*hermenêutica da facticidade*” também em outras obras. Em seu livro “*Os caminhos de Heidegger*”, o filósofo explica a expressão e aponta:

Pois facticidade quer dizer o fato em seu ser-fato, ou seja, justamente aquilo do qual não se pode voltar atrás. Também em Dilthey (...) já se encontra a caracterização da vida como fato do qual não se pode voltar atrás. E sem dúvida é parecido em Bergson, Nietzsche e Natorp. (...) Portanto, hermenêutica da facticidade é um *genitivus subjectivus*. A facticidade se põe, ela mesma, na interpretação. A facticidade que se interpreta a si mesma não junta em si mesma conceitos que a interpretariam, mas sim é um modo do falar conceitual que quer agarrar sua origem, e com ela seu próprio alimento vital, quando se transforma à forma de uma proposição teórica (GADAMER, 2002a, p. 282).

318

Acredito que já podemos aqui perceber fundamentalmente, ainda que com recortes, considerações sobre a interpretação de Gadamer da hermenêutica heideggeriana e, com isso, compreender alguns aspectos da influência de Heidegger sobre seu célebre aluno. O aspecto da compreensão como o “caráter ôntico original da própria vida humana” irá interessar Gadamer de forma crucial a desenvolver filosoficamente sua hermenêutica, na medida em que ao conceber a compreensão como a transcendência do ente realizada pelo homem, realizaria uma filosofia/ postura filosófica que seria também uma “provocação para a hermenêutica tradicional” (GADAMER, 2002b, p. 393). E isso envolve a compreensão das possibilidades de si mesmo.

A partir de Heidegger, então, se amplia enormemente o até então estreito horizonte da hermenêutica⁴. Essa amplitude se dá pelo fato de que interpretar não se reduz somente a forma esporádica e metodológica, mas é o próprio modo fundamental de ser, o modo originário de

⁴ Essa ampliação no horizonte hermenêutico proporcionada por Heidegger irá, fundamentalmente, influenciar Gadamer no desdobramento fenomenológico e ontológico pelos elementos da analítica existencial. Gadamer vislumbra a ontologização da hermenêutica e permite a perspectiva de uma hermenêutica filosófica (STEIN, 2004, p. 70).



ser. A partir de ampliação de horizonte, Gadamer objetiva a investigação do ato de compreender, isto é, “o que é o compreender” e não o “como compreender”. Muito mais do que elencar regras de compreender, trata-se do “acontecer no ato de compreender”, ou melhor, trata-se de investigar o acontecimento da compreensão. Nas palavras de Gadamer:

Muito antes de se buscar um resultado prático do fenômeno do compreender, trata-se de buscar o que vem antes de toda a aplicação prática do compreender vendo o que há de fato no acontecer do compreender. Nossa tarefa consiste em buscar o que é o compreender e/ou o que está em jogo no acontecer da compreensão. Busca-se rastrear e mostrar aquilo que é comum a toda a maneira de compreender (GADAMER, 1984, p. 13).

Os passos dados pelo filósofo hermeneuta mostram que sua preocupação fundamental não era desenvolver estatutos de cientificidade para as ciências humanas nem demarcar critérios do que seria ou não científico. Sua intenção não era abordar as questões metodológicas, mas sim, colocar como espinha dorsal de seu projeto o aprofundamento da compreensão existencial do ser. Gadamer mostra sua influência de Heidegger, a partir de conceitos como: *Dasein*, da *analítica existencial*, da *hermenêutica da facticidade* que se tornam, em Heidegger, a via de acesso ao tratamento da questão ontológica do ser-no-mundo. Essas intuições de Heidegger exercem influências em Gadamer no desenvolvimento de sua hermenêutica filosófica. Nos dizeres de Gadamer:

319

A analítica temporal da existência (*Dasein*) humana, que Heidegger desenvolveu, penso eu, mostrou de maneira convincente que a compreensão não é um modo de ser, entre outros modos de comportamento do sujeito, mas o modo de ser da própria pré-sença (*Dasein*). O conceito “hermenêutico” foi empregado, aqui nesse sentido. Ele designa a modalidade fundamental da pré-sença, a qual perfaz sua finitude e historicidade, e a partir daí abrange o todo de sua experiência de mundo (GADAMER, 2002b, p. 16).

A hermenêutica não se resume apenas no modo instrumental de compreensão, mas relaciona-se no modo existencial de compreender que paira na facticidade e historicidade do ser. O que faz constatar que a interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa. Interpretar não se resume apenas em tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elabora as condições de possibilidades projetadas na compreensão.

A própria experiência hermenêutica se mostra como possibilidade. A compreensão é o modo de ser da pré-sença na medida em que é “um poder-ser”, como aponta o autor Chris Lawn: “A experiência, para Gadamer, é a qualidade da pessoa não dogmática



se abrir para possibilidade [...], é realmente uma forma de entendimento” (LAWN, 2007, p. 89). O que designa a mobilidade fundamental da pré-sença, a qual perfaz sua finitude e historicidade, e a partir daí abrange o todo de sua experiência de mundo.

A hermenêutica como fio condutor no “processo” de realização da compreensão (*Verstehen*), da interpretação (*Auslegung*) e da aplicação (*Applikation*) não se satisfaz somente com o saber técnico (*téchne*) “manipulado” ou conduzido à análise dos fatos, mas, manifesta-se de forma dinâmica, relacionando-se fundamentalmente com o modo de “ser no mundo” de quem analisa/ interpreta. A compreensão e a aplicação levam em pauta a história, a tradição, a diferenciação e a fusão de horizontes. Leva em pauta pelo fato da experiência hermenêutica pressupor uma inserção no processo de transmissão da tradição, uma posição do intérprete de reflexão diante daquilo que lhe é transmitido.

O sujeito da interpretação é histórico, assim como o que se pretende interpretar. Há hermenêutica porque o homem é hermenêutico, isto é, finito e histórico. O homem sendo finito a sua interpretação não pode ser definitiva e estática. Isso marca o todo de sua experiência de mundo. O autor através de uma postura filosófica aponta para a guinada hermenêutica, a qual deixa de ser apenas atividade científica-aplicada e rigorosamente demonstrável, para se constatar “atividade” inerente à existência humana dentro de um mundo preexistente, cujo foco é a forma de como se dá a compreensão sem imposição de qualquer método. Destarte, a compreensão relaciona-se fundamentalmente ao modo de existência do próprio indivíduo em suas mais variadas condições de possibilidade compreensivas.

Gadamer leva o projeto de seu mestre adiante, mostrando-se ao mesmo tempo inovador, no percurso e desenvolvimento de sua hermenêutica. A originalidade e a força do pensamento de Heidegger influenciaram os filósofos que estiveram à sua volta, inclusive Gadamer, como vimos no percurso dessa dissertação, entretanto, a questão central para Gadamer “se tratava do homem que compreende o outro” (GADAMER, 1999, p. 70). Gadamer pauta-se pelo diálogo, pela palavra dirigida ao interlocutor, daí sua postura socrático-platônica de filosofar e desenvolver sua hermenêutica enquanto investigação das condições de possibilidades de toda compreensão.

É notório que o projeto filosófico gadameriano é compreendido e factível, fundamentalmente, pela contribuição de Heidegger, mas também é notável que Gadamer demonstra originalidade no terreno de sua hermenêutica filosófica, no processo relacional, de abertura ao “outro” enquanto interlocutor, num processo de diálogo contínuo e na experiência de verdade que advém desse diálogo. Gadamer leva a sério o “outro”



enquanto interlocutor, ‘acolhe a opinião comum’ e faz do diálogo um modelo estrutural no processo compreensivo (DUTT, 1998, p. 57).

Essa originalidade de Gadamer consiste no caminho dialógico, encontrando na linguagem o fio-condutor de uma hermenêutica ontológica possível, enquanto fundamento de sua hermenêutica filosófica. Heidegger, em uma carta a O. Pöggeler de 05/01/1973 reconhece a originalidade de Gadamer e assinala: “A ‘hermenêutica filosófica’ é coisa de Gadamer” (HEIDEGGER *apud* GRONDIN, 2001, p. 21). Neste sentido, em uma das últimas entrevistas de Gadamer, Vietta nos apresenta algo relativo ao caminho dialógico, de interlocução, que o filósofo hermeneuta percorre e se faz distinto de Heidegger nesse sentido:

[...] Quando Heidegger falava seu olhar frequentemente não se dirigia ao interlocutor. Seu olhar, antes, se abria a essa amplitude de um espaço espiritual sobre o qual pensava e desde cuja intuição falava. Inclusive quando aclarava um assunto filosófico, como o da fenomenologia. O olhar de Gadamer, no diálogo, sempre se dirigia ao interlocutor. (VIETTA *APUD* GADAMER, 2004, p. 29).

321

A descrição de Gadamer acerca do diálogo hermenêutico se dá no desenvolvimento do modelo estrutural enquanto caminho para se experienciar uma verdade “extra metódica” ou compreendê-la e explicitá-la de modo mais apropriado. Dessa forma, a hermenêutica para Gadamer é tratada no fio-condutor da linguagem e encontra nela, como também no diálogo, uma hermenêutica ontológica possível, em outras palavras, Gadamer encontra na fenomenologia (ou leia-se fenomenologia da linguagem), a justificativa para desenvolver sua hermenêutica em direção à ontologia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Heidegger, constata-se a compreensão de que somos nós, enquanto ser-aí intramundano, inseridos no mundo/ rede de referências, que compreende e interpreta, não de forma esporádica, mas em seu próprio modo fundamental de ser, que colocamos a questão do sentido do ser que lhe é inerente. Que questiona, é questionado e que busca alcançar a “verdade” que possa ser desvelada na compreensão – no ato de compreender. Gadamer se apropria das intuições filosóficas de seu mestre e no desenvolvimento hermenêutico de seu projeto



aponta, fundamentalmente, que compreender e interpretar não são um expediente reservado apenas à ciência, mas pertencem ao todo da experiência do homem no mundo.

Considera-se, portanto, que Heidegger contribuiu decisivamente para o giro hermenêutico, a hermenêutica torna-se via de acesso ao tratamento da questão ontológica. Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (1927), ao propor a “superação” da tradição filosófica do ocidente através da retomada da pergunta pelo sentido do ser, na própria compreensão do *Dasein*, que compreende e interpreta em seu próprio modo fundamental de ser, abre decisivamente pressupostos para Gadamer pensar em seu projeto hermenêutico filosófico. Há hermenêutica porque o homem é hermenêutico. A hermenêutica não se resume apenas no modo instrumental de compreensão, mas relaciona-se no modo existencial de compreender. Para Gadamer, o fenômeno da compreensão é pensado existencialmente e não como momentos episódicos de uma metodologia

Gadamer desenvolve o seu projeto hermenêutico calcado na concepção de que a hermenêutica não se resume apenas numa epistemologia de interpretação, mas caminha para ontologia da compreensão enquanto modo fundamental de ser do próprio ser-no-mundo ou do *Dasein*, da própria *pré-sença*, e sua originalidade em relação ao seu mestre consiste na fundamentação de seu projeto hermenêutico embasado no modelo estrutural do diálogo e na linguagem enquanto fio condutor no tratamento da questão ontológica. Em suma, podemos afirmar que Gadamer foi um discípulo inovador na medida em que se apropriou de algumas grandes intuições do seu mestre, mas também confere assinatura própria ao seu projeto hermenêutico- filosófico.



REFERÊNCIAS

- CORETH, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. Tradução de Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.
- DUTT, C. *En conversación con Hans-Georg Gadamer*. Presentación y traducción de Teresa Rocha Barco. Madrid: Tecnos, 1998.
- FLICKINGER, H-G. ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- GADAMER, Hans- Georg. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Ángela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002a.
- _____. *Verdade y método*. Fundamentos de uma hermenêutica filosófica. Trad. Ana Agud Aparício y Rafael de Agapito. Salamanca: Sígueme, 1984.
- _____. *Verdade e método*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer: Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Verdade e método II*. Trad. Enio Paulo Giachini: Petrópolis: Vozes, 2002b.
- GRONDIN, Jean. *Hans-Georg Gadamer. Una biografía*. Traduzido por Angela Ackermann Pilári, Roberto Bernet e Eva Martín-Mora. Barcelona: Herder Editorial, 2001.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Tradução Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: ed. Vozes, 2012.
- LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- VIETTA. S. *Hermenêutica de la Modernidad. conversaciones con Silvio Vietta*. Madrid: Minima Trotta, 2004.

